

OS *CHATS ONLINE* COMO FONTES DE MATERIAIS AUTÊNTICOS PARA A AULA DE PLE

Inês Silva de Almeida

ines_silva_de_almeida@hotmail.com

Isabel Margarida Duarte

iduarte@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

Resumo: Este artigo propõe o aproveitamento das potencialidades de uso dos meios de comunicação *online*, mais especificamente dos *chats* de troca de mensagens instantâneas, como fontes para recolha de exemplos de utilização da língua em contexto comunicativo informal. Tais exemplos serão utilizados como materiais didáticos autênticos na aula de português língua estrangeira. O artigo explora possibilidades, vantagens e dificuldades da recolha e uso desses materiais, exemplificando através do trabalho já realizado e experimentado com alunos de português nível A2/ B1 na Johannes Gutenberg-Universität em Mainz, na Alemanha.

Palavras-chave: *online chats*, Português Língua Estrangeira, materiais autênticos, ensino de línguas estrangeiras

Abstract: This article suggests some possibilities of using online media, more specifically messaging chats as sources for collecting examples of language use in an informal communicative context. These examples will later be used as authentic didactic materials in the Portuguese as a foreign language class. The article explores the possibilities, advantages and difficulties of collecting and using these materials, exemplifying through the work already done and experimented with Portuguese level A2/ B1 students at Johannes Gutenberg-Universität in Mainz, Germany.

Keywords: online chats, Portuguese as a foreign language, authentic materials, foreign language teaching

1 - Introdução

Desde há já bastante tempo que se compreendeu a importância, dentro da didática de línguas estrangeiras, do recurso aos materiais autênticos como fonte de *input* para a aprendizagem, tendo começado a implementação do uso desses materiais, nos anos 70 do século passado, decorrente de uma abordagem comunicativa do ensino de

línguas (Azri 2014: 249). Assim, temos assistido ao uso, como *input* em sala de aula, de materiais diversos, tais como notícias, vídeos de reportagens ou entrevistas, gravações de programas de rádio, *podcasts* ou até mesmo gravações de conversas informais autênticas. A par disto, temos vindo a constatar, nos últimos anos, a importância e a presença crescentes da Internet nas nossas vidas, não só na esfera privada e pessoal, mas incluindo no trabalho e na educação. No entanto, e referindo-nos à linguagem escrita, ainda não há uma abordagem didática significativa sobre aquele que pode ser o papel dos *chats online* como fontes de *input* linguístico, como materiais ou recursos no ensino-aprendizagem de língua estrangeira, mais especificamente, no nosso caso, em português língua estrangeira. Já foi pensado, certamente, o uso destes *chats* para o contacto em direto com nativos – vejam-se os múltiplos exemplos de *tandem* ou de aplicações que promovem especificamente esse tipo de interação. O *chat* pode também ser uma ferramenta comunicativa entre aluno(s)-aluno(s) e professor-aluno(s), não só para tratarem de questões práticas ou de gestão das aulas, mas também como espaço virtual de interação escrita (ou oral, com recurso às mensagens áudio, como no caso, por exemplo, do *WhatsApp*). Estes usos didáticos do *chat* revelam-se verdadeiramente úteis para o ensino-aprendizagem de línguas, porque facilitam o trabalho da comunicação¹ e, principalmente, porque dão aos aprendentes um acesso à língua muito mais rápido e eficaz do que antes da existência destes recursos ou da generalização da Internet na nossa vida contemporânea.

Neste trabalho, propomo-nos apresentar uma outra perspetiva sobre as possibilidades de uso dos *chats online*, neste caso não como ferramenta de interação em tempo real, mas como fonte de materiais escritos que podem ser usados para tratar diversos aspetos da língua em uso. Referimo-nos, portanto, a exemplos de conversas em *chats* entre falantes nativos que podem ser recolhidos pelo próprio professor para utilização em aula, para ilustrar como falantes nativos interagem informalmente de forma escrita. Tendo também em consideração que esta linguagem dos *chats* pode ser considerada uma «written spoken language» (Conselho da Europa 2018: 51), permite trabalhar diversos aspetos da comunicação e da pragmática, e não serve só para ilustrar explicações de tópicos gramaticais da língua ou como fonte de contacto com e aprendizagem de novo vocabulário. O Quadro Europeu Comum de Referência, no seu novo *Companion Volume with New Descriptors* (2018), refere já duas novas categorias dentro do tema da linguagem *online*, sendo estas «Online conversation and discussion» e «Goal-oriented online transactions and collaboration», corroborando o facto de que a linguagem (ou a comunicação) na Internet tem uma importância crucial nos dias que correm e, portanto, por acréscimo, no campo da aprendizagem de línguas.

Nos próximos pontos deste artigo, exploraremos como o uso destes materiais autênticos pode ser feito, dando exemplos concretos e já experimentados em contexto de aula, e apontando que vantagens este recurso pode trazer ao ensino-aprendizagem de língua estrangeira, sem ignorar, no entanto, as dificuldades que podem advir da utilização deste tipo de material autêntico.

¹ No âmbito do ensino no contexto da pandemia do COVID19, estes instrumentos desempenharam um papel crucial na organização das atividades letivas, usando a língua que se está a aprender / ensinar.

2 - Potencialidades dos exemplos provenientes de *chats online* para a aula de língua estrangeira

Tentaremos agora perceber a razão de querermos usar estes exemplos retirados de *chats online* como materiais didáticos. Não pretendemos, obviamente, que estes materiais excluam ou substituam o uso de outros, mas sim que sejam um complemento a ser utilizado quando o professor assim o entender e dele tiver necessidade, de acordo com aquele que é o seu planeamento para uma aula ou uma unidade didática e os respetivos objetivos. Sabemos, no entanto, a dificuldade que poderá existir para obter estes materiais. Não há uma base de dados de onde estes exemplos se possam retirar, e ao professor restará, então, tentar constituir uma recolha pessoal: pode fazer ele próprio a recolha de exemplos dos seus *chats* pessoais, ou recorrer a amigos ou familiares que o ajudem na constituição de uma pequena base de dados, contribuindo com exemplos. O objetivo final seria obter ocorrências de *chats* informais por parte de falantes nativos, qualquer que fosse a sua natureza, desde que constituíssem, de facto, exemplos autênticos de conversas informais. E quanto à recolha em si, nada há mais simples do que a funcionalidade de *printscreen* (ou captura de ecrã) que encontramos em telemóveis, tablets e computadores, sendo fácil omitir certos dados que não queremos públicos, como fotografias, nomes próprios, números de telemóvel, etc., com uma mera edição da imagem. Por outro lado, pode-se também fazer a transcrição do diálogo do *chat* para um documento, simplesmente copiando e colando o texto. A recolha pessoal tem a vantagem de que garantimos que os materiais são autênticos, mas não só, que são também atuais e que podem, inclusive, versar sobre tópicos de interesse para a organização das atividades de ensino / aprendizagem que estamos a desenvolver num dado momento.

O *input* de exemplos autênticos da língua permite desenvolver, junto dos alunos, as suas capacidades de compreensão e de comunicação, não só na oralidade, mas também na escrita (Carvalho 1993: 121). Quantas vezes, em manuais, vemos tentativas de demonstrar como os jovens interagem por SMS ou *online* que são, em primeiro lugar, inverosímeis, porque não são materiais autênticos, mas sim baseados em intuições dos autores dos manuais (Taguchi 2011: 11), e, além disso, estão muito afastados da realidade do estudante, pela distância que medeia entre o ano de publicação do manual em questão e o tempo em que realmente a aula decorre (assumindo nós que nem sempre se usam edições extremamente recentes de manuais). Tendo em conta, portanto, os *chats online* propriamente ditos de onde podemos retirar os nossos exemplos, as possibilidades são imensas. Referindo apenas algumas aplicações mais populares, temos o *WhatsApp*, o *Facebook Messenger*, ou até mesmo as mensagens SMS que, hoje em dia, se configuram também como *chat*, entre muitas outras hipóteses. Neste artigo, falamos deste meio de comunicação concreto, mas deixamos também a ideia de que o que será aqui sugerido pode ser experimentado com outros recursos *online*: publicações de texto em redes sociais como *Facebook* ou *Twitter*, caixas de comentários em redes sociais, fóruns *online* de discussões de temas (como o *Reddit*), entre outros, a partir

dos quais podem ser recolhidos *printscreens* ou sequências de textos copiados, a serem usados como materiais autênticos na aula de língua estrangeira (LE). Assim, complementa-se o trabalho que já é feito com bastante frequência, com os materiais escritos retirados de artigos de jornais e revistas, tanto convencionais como *online*, de *posters* ou outros suportes escritos, integrando-se uma nova ferramenta que apresenta mais interação, mais informalidade e maior liberdade nas formas de escrever, ou seja, mais autenticidade. Claro que não queremos que os alunos confundam estes exemplos com sequências linguísticas escritas vigiadas, corretas do ponto de vista ortográfico ou gramatical. É necessário apontar e explicar as gralhas frequentes existentes, e a diferença entre este tipo de material escrito e, por exemplo, formatos de texto que seriam muito mais cuidados e típicos de contextos e propósitos completamente diferentes, como o relatório profissional, o email institucional ou o texto literário, para citarmos apenas alguns exemplos. Assim, cabe ao professor o bom senso de saber usar este material de forma doseada, de saber selecioná-lo, adaptá-lo e fazer com ele o trabalho necessário para que se torne um bom recurso e uma fonte útil de *input* linguístico para o aluno, conseguindo contextualizá-lo, explicar as suas características linguísticas e discursivas e explorar ao máximo as suas virtualidades pedagógicas.

Deste modo, teremos facilmente ao nosso alcance um material autêntico que é produzido por, e entre, falantes nativos. Sem qualquer consciência de que as suas conversas seriam um dia utilizadas em contexto didático, os falantes nativos produziram um material obviamente autêntico, pois não foi produzido com um objetivo didático nem com intenção de ser usado num contexto pedagógico (Berwald 1986 apud Carvalho 1993: 118). Os materiais autênticos têm a vantagem de serem amostras reais da língua em uso pelos seus falantes, ao mesmo tempo que se tornam mais motivadores para os alunos por esse mesmo motivo. Os aprendentes sentem que o que estão a analisar é como uma janela para o mundo real onde a língua que aprendem não é só um objeto de estudo, mas uma ferramenta de comunicação usada no quotidiano, uma língua que eles próprios poderão utilizar quando a dominarem (de forma mais ou menos adequada).

Além de tudo isto, partimos do pressuposto de que, decorrendo a conversa, tal como aqui a entendemos, num *chat online*, ela será de caráter informal, pois este é um meio preferido para uma troca de mensagens rápida e sem grandes preocupações formais entre falantes que mantêm, uns com o outros, uma relação de proximidade social e discursiva. Isto porque o *chat online*, como já referido, funciona quase como uma conversa oral informal, em que os intervenientes podem interagir em simultâneo e com uma certa imediatez e rapidez que outros meios não permitem, o que origina informalidade na interação linguística. Verificamos, por experiência própria, que este seria o meio preferido para conversas entre amigos, familiares, ou pessoas próximas. Pelo contrário, para uma interação formal que representasse potencialmente uma maior distância entre os interlocutores, o meio digital preferido seria, a nosso ver, uma ferramenta que permitisse a construção de um discurso mais formal, como o e-mail, o qual não proporciona a mesma velocidade na comunicação e, portanto, pode ser mais estruturado e vigiado e

permitir usar léxico mais selecionado e um registo mais cuidado, assemelhando-se preferencialmente à tradicional carta, mesmo na sua estrutura formal. Assim, explorando o *chat online* como fonte de exemplos de conversas informais, é possível retirar daqui ocorrências de produção escrita mas com traços de uma troca conversacional real, onde figuram vários aspetos que nos poderão interessar para trabalhar com os alunos em sala de aula. O mais óbvio é que, ao aceder a estes exemplos, os alunos estão a trabalhar com *input* autêntico de comunicação informal na língua-alvo, o que constitui um modelo útil para a sua aprendizagem de como interagir com o outro nessa língua, num contexto informal. Desenvolve-se assim a sua capacidade comunicativa, a qual não passa apenas por uma boa competência linguística (no sentido estrito de domínio dos códigos linguísticos), mas exige, também, as competências pragmática e discursiva (Briz Gómez 2015: 21). Temos ainda em conta que as interações em *chats* são como uma reprodução escrita do que seria uma conversa oral informal, pela sua rapidez de envio/receção de resposta, pela sua espontaneidade e uso de expressões coloquiais (Pons Bordería 2005: 52), pela possibilidade de a conversa decorrer em tempo real entre dois ou muitos mais interlocutores, e por a própria escrita que os interlocutores usam ser uma escrita pouco vigiada, pouco cuidada e mais adaptada a essa velocidade da conversa em *chat*, incluindo, portanto, abreviações, atalhos, e omissões nos enunciados. Para além disto, temos ainda presente, na linguagem escrita informal *online*, o uso de *emojis* ou de onomatopeias que aproximam a interação escrita uma interação oral, na presença dos interlocutores, pelo imitar do que seria a linguagem da expressão facial ou corporal (*emojis*) ou de elementos como interjeições, risadas, etc., suscetíveis de traduzirem emoções e tons de voz.

Sabemos que exemplos de interação informal também podem ser obtidos recorrendo a gravações orais autênticas de conversas informais, por exemplo, mas o recurso aos exemplos retirados de *chats online* oferece novas possibilidades e outras vantagens. Primeiro, permite ao aluno a possibilidade de aprender a bem comunicar numa situação semelhante às analisadas, isto é, de forma adequada. Imagine-se um estudante estrangeiro que vem a Portugal fazer um semestre de intercâmbio e que quer conversar com amigos portugueses através do *WhatsApp* ou perceber o que eles dizem (escrevem) noutras redes sociais. Esta linguagem informal *online* é algo muito específico de certos grupos sociais ou de faixas etárias específicas, e assim o aluno entenderia o uso de certas abreviaturas ou expressões de coloquialidade ou idiomáticas que outros textos ou outros exemplos menos autênticos não lhe mostrariam, e saberia responder utilizando o mesmo tipo de linguagem ou registo. Ademais, e voltando à comparação entre exemplos da oralidade *vs* exemplos da escrita, com o exemplo escrito o aluno tem um material físico, que pode ler e analisar, o que facilita muito o seu acesso a compreensão desse material. Comparemos, por exemplo, uma primeira impressão ao ouvir uma conversa informal oral à de ler uma conversa informal por escrito, o que seria, em princípio, muito mais simples. Assim, estes exemplos podem constituir-se em um bom ponto de partida para trabalhar a comunicação informal na LE, com níveis iniciais, mas poderão também ser aplicados a outros níveis, bastando utilizar um

grau mais aprofundado de análise e problematização. Mais uma vez, reiteramos que este trabalho não implica excluir qualquer outro material mais tradicional ou o trabalho de outros aspetos da competência linguística, mas entendemo-lo como um complemento e uma mais valia para os aprendentes. Esta seria uma proposta de um tipo de material novo e diferente para a sala de aula, que habituará os alunos a uma linguagem que eles mesmos podem encontrar na vida real, e que serviria, inclusive, como fonte de exemplos gramaticais, lexicais, pragmáticos e sociolinguísticos. Ao integrarmos várias componentes do domínio da língua dentro de uma atividade que passa por aprender a comunicar, a aprendizagem é mais motivada e o ensino adequa-se melhor às potenciais necessidades dos alunos de comunicar fora do contexto de aula (Littlewood 1981: 76).

3 - Ideias práticas: exemplos de algumas atividades a realizar em aula

Depois da recolha e seleção de alguns materiais a partir dos ditos *chats online*, são várias as maneiras de trabalhar com esses materiais em sala de aula. Esta proposta foi já experimentada, em contexto de estágio profissional, durante um ano letivo (2017-2018), na Johannes Gutenberg-Universität em Mainz, na Alemanha, em conjunto com a Prof.^a Dr.^a Yvonne Hendrich, do departamento de Romanística da mesma universidade, nas aulas dos cursos de língua portuguesa (Almeida 2019). Deixamos aqui alguns exemplos de materiais utilizados e uma breve exemplificação de atividades passíveis de serem realizadas em contexto de aula, com alunos de nível A2 e B1.

Uma primeira atividade poderia ser iniciada com uma conversa sobre as redes sociais, abordando-se o respetivo uso pelos alunos e, mais especificamente, questionando-os sobre se eles utilizam muito, ou não, a Internet e os *chats* como meio de comunicação, e, em caso afirmativo, com que destinatários e para que propósitos. Depois, apresentando-se alguns dos exemplos de ocorrências pré-selecionados para a aula, poderíamos proceder à sua análise, fazendo uma leitura em turma. No trabalho realizado na Johannes Gutenberg-Universität, os alunos foram lendo em voz alta os exemplos projetados no quadro, que também tinham recebido em formato impresso, e a leitura foi sendo interrompida para que os alunos ou a professora colocassem questões sobre o significado do que iam lendo. Depois, para percebermos “*como é que os portugueses comunicam pela Internet*”, partimos de várias questões para discutirmos e problematizarmos o que tínhamos lido, tais como:

Nos exemplos analisados:

- *Há vocabulário diferente daquele a que estás habituado?*
- *Há algumas palavras que aparecem cortadas?*
- *Como são marcadas as emoções e a ironia?*
- *Que semelhanças encontras entre os textos analisados e a oralidade em português?*

Ora, observando aqui alguns exemplos concretos dos muitos que foram utilizados na experiência relatada, podemos ver que há vários pontos a destacar, após a sua leitura:

- Na Figura 1, um exemplo de interação por mensagens SMS, vemos a brevidade da interação, o uso de emojis, o exemplo da expressão injuntiva «Toca a apanhar o comboio» – “*toca a*” + *infinitivo*, indicando uma urgência em concretizar certa ação, o uso de *onomatopeias* («Ahahahah», para imitar o riso), o pouco cuidado na correção gramatical («conto te»). De facto, estes exemplos de pouco rigor na aplicação das regras gramaticais ou ortográficas poderiam representar um problema para aprendentes numa fase inicial, mas cabe ao professor ter a sensibilidade de apontar os os fenómenos em causa e alertar os seus alunos para as inadequações aí presentes, aceitáveis neste contexto, mas inaceitáveis em situação de escrita formal. Esta atitude visa promover nos alunos a capacidade de reconhecer certos erros e de prestarem a atenção suficiente para não os cometerem num contexto mais formal onde se exigisse outro rigor na produção da língua, isto é, de adaptarem os discursos produzidos ao grau de formalidade exigido pelos diferentes contextos.

- Na Figura 2, nota-se ainda menos cuidado na correção gramatical e ortográfica - «Poe te» (*põe-te*), «ai» (*ai*), «Por me» (*Pôr-me*), além do uso de abreviaturas, «Qnd» (*Quando*), «qt» (*quanto*), entre muitas outras ocorrências interessantes, num exemplo tão curto. Destacamos também o «ta» em vez de *está*, algo muito típico de se produzir na oralidade, e a interjeição «O senhor» (*O senhor!*), testemunhando impaciência. No geral, destaca-se também uma grande informalidade e descontração na interação.



Figura 1 e 2: Conversa por SMS

- Na Figura 3, destacamos as interjeições (imitando a oralidade), mais abreviações («pq» - porquê ou porque, «ñ» - não), o uso muito coloquial e típico da oralidade informal dos jovens do marcador «tipo», a utilização do diminutivo com uma intenção carinhosa ou de atenuação do ato de fala («tolita» - tola) e, no geral, notamos que as mensagens se vão sucedendo como turnos de fala numa interação oral, a uma velocidade que não permite muito cuidado formal nem precisão lexical na escrita.

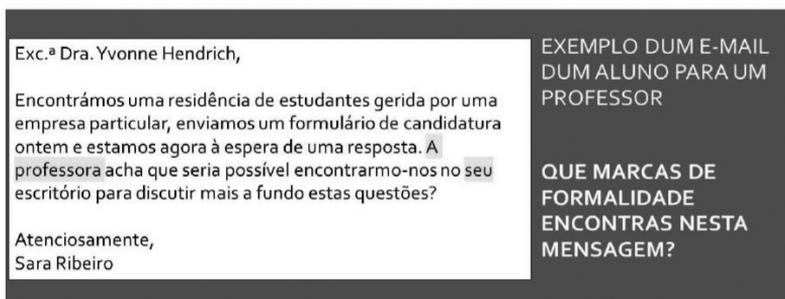


Figura 3: Conversa no Facebook Messenger

Uma segunda atividade incluiu a comparação de conversas de chat com interações de carácter formal por e-mail. Partiu, novamente, de uma discussão, tendo por base a seguinte questão inicial: “Como se faz a comunicação por escrito? Vamos pensar em exemplos de meios de comunicação por escrito que conhecemos”. Com isto, pudemos chegar ao tema das redes sociais, dos chats, dos e-mails, e da Internet em geral, como meio de comunicação. E, elencando alguns destes meios de comunicação, pudemos fazer a separação entre mais e menos formalidade, a partir das questões: “Qual destes meios se prestam a comunicações mais formais e quais implicam, normalmente, mais informalidade? Quais escolherias para falar com os teus pais e quais escolherias para falar com, por exemplo, o Reitor da Universidade?”. Tendo todos os alunos concordado que o e-mail seria um meio que facilita uma comunicação mais formal e os chats meios destinados a trocas mais informais, pudemos analisar alguns exemplos autênticos de um e de outros. Nesta atividade, além de aspetos como os já referidos no exemplo da atividade anterior, pôde falar-se das formas de tratamento, da questão da cortesia verbal e das marcas de formalidade de um e-mail enviado a um professor *vs* a informalidade das mensagens de chat entre amigos. O contacto dos alunos com exemplos reais de comunicação verdadeira é necessário para que saibam adaptar, pragmaticamente, os seus enunciados ao que querem dizer, a quem o querem dizer, ao que querem obter com essa interação e ao contexto ou situação de comunicação. Para esta adequação necessária, não existem regras extremamente fixas, mas devemos utilizar algumas estratégias que fazem parte do nosso conhecimento da língua em uso e que temos de compreender e empregar para sermos bem sucedidos na nossa interação (Lima 2006: 107), sendo que «a falta de adequação da linguagem quanto ao vocabulário, ao nível de língua pode criar situações constrangedoras ou levar a mal-entendidos.» (Miyaki 2003: 217).

Mesmo assumindo que alguns princípios pragmáticos são universais, o que pode facilitar o desenvolvimento da competência pragmática interlinguística, as diferenças pragmáticas entre as diversas línguas devem ser estudadas e compreendidas em todos os níveis de aprendizagem, não sendo desejável assumir que a universalidade e a transferibilidade estão presentes em todos os aspetos da pragmática (Kasper 1996: 155). Deste modo, um *input* como o sugerido, autêntico e cuja utilização é pensada de acordo com os objetivos da aula, é necessário e útil.

COMUNICAÇÃO FORMAL



Exc.ª Dra. Yvonne Hendrich,

Encontrámos uma residência de estudantes gerida por uma empresa particular, enviamos um formulário de candidatura ontem e estamos agora à espera de uma resposta. A professora acha que seria possível encontrarmo-nos no seu escritório para discutir mais a fundo estas questões?

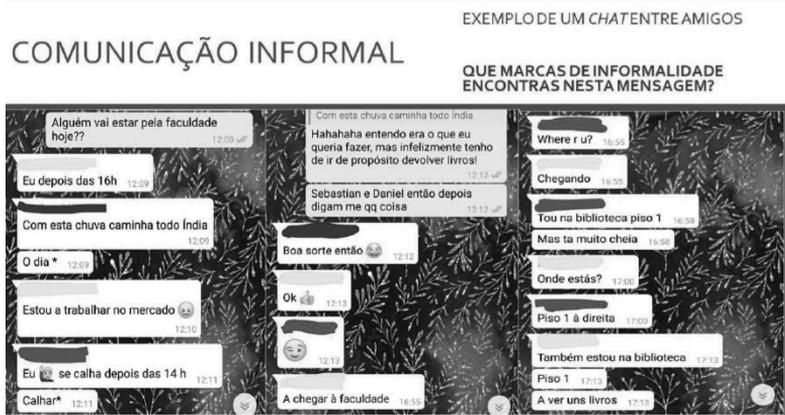
Atenciosamente,
Sara Ribeiro

EXEMPLO DUM E-MAIL DUM ALUNO PARA UM PROFESSOR

QUE MARCAS DE FORMALIDADE ENCONTRAS NESTA MENSAGEM?

Figura 4: Exemplo usado em contexto de aula de um e-mail de um aluno a um professor.

COMUNICAÇÃO INFORMAL



EXEMPLO DUM CHAT ENTRE AMIGOS

QUE MARCAS DE INFORMALIDADE ENCONTRAS NESTA MENSAGEM?

Alguém vai estar pela faculdade hoje?? 12:08

Eu depois das 16h 12:09

Com esta chuva caminha todo India 12:09

O dia * 12:09

Estou a trabalhar no mercado 12:10

Eu se calha depois das 14 h 12:11

Calhar* 12:11

Com esta chuva caminha todo India 12:12

Hahahaha entendo era o que eu queria fazer, mas infelizmente tenho de ir de proposito devolver livros! 12:12

Sebastian e Daniel então depois digam me qq coisa 12:12

Bos sorte então 12:11

Ok 12:13

12:13

12:13

A chegar à faculdade 16:55

Where r u? 16:55

Chegando 16:55

Tou na biblioteca piso 1 16:58

Mas ta muito cheia 16:58

Onde estás? 17:00

Piso 1 à direita 17:00

Também estou na biblioteca 17:13

Piso 1 17:13

A ver uns livros 17:13

Figura 5: Exemplo usado em contexto de aula de um chat de um grupo de amigos.

Como pós-atividade, foi sorteada entre os alunos uma situação e um correspondente imaginários, e eles tinham de, por escrito, inventar a sua própria conversa de chat ou de e-mail, dependendo da formalidade ou da delicadeza da

situação. Tendo em conta os parâmetros da situação de enunciação fornecidos, os alunos deveriam adequar-lhes as suas produções.

O que foi mais interessante no trabalho realizado com os discentes a partir dos exemplos acima apresentados e de outros não referidos neste texto, foi verificar como eles, sendo jovens alunos universitários, reconheciam automaticamente algumas formas de comunicar, deduzindo, a partir de contextos, o significado das abreviaturas, ou encontrando semelhanças e diferenças entre o que liam e a maneira como eles próprios utilizam estes *chats* nas suas línguas nativas. Por exemplo, os alunos descobriram diferenças em pormenores tão simples como a quantidade de *emojis* que utilizavam, ou o facto de eles usarem mais os *emojis* para substituírem palavras do que os portugueses, segundo os exemplos analisados. Aqui se verifica que até nas mensagens escritas mais efémeras há certos códigos sociais subjacentes, que são implicitamente partilhados por quem habita um certo espaço, e por quem comunica dentro dum mesmo contexto cultural. Assim, aprender a comunicar *online* também desempenha um papel na adaptação do falante estrangeiro à realidade sociocultural do contexto de uso da língua que está a aprender (neste caso, falamos de Portugal e, concretamente, do português europeu).

Podemos ver, nalguns exemplos de realizações da pós-atividade pelos alunos, como assimilaram imediatamente algumas informações sobre como funciona a linguagem escrita neste registo comunicativo informal e as puseram em uso nas suas próprias produções (fictícias). Vejamos, nas seguintes duas figuras, esses exemplos. Neles, os alunos usaram várias marcas típicas da conversa informal, que, apesar de aqui surgirem registadas por escrito, muito facilmente poderiam ser encontradas em discursos orais reais: encurtamento das palavras (*ta*), a interação realizada de uma maneira bastante sucinta e direta, a cortesia presente na insistência do amigo em levar o colega ao médico (Figura 7), ou ainda o uso de diminutivos como uma forma de tornar o enunciado mais afetuoso e, por isso, mais convincente. Encontramos também, nestes exemplos, algumas ideias que os alunos retiraram das ocorrências de *chats* escritos que tinham lido e analisado: *bjs*, *qq*, *Obg*, ou mesmo o uso que escolhem fazer dos *emojis*.

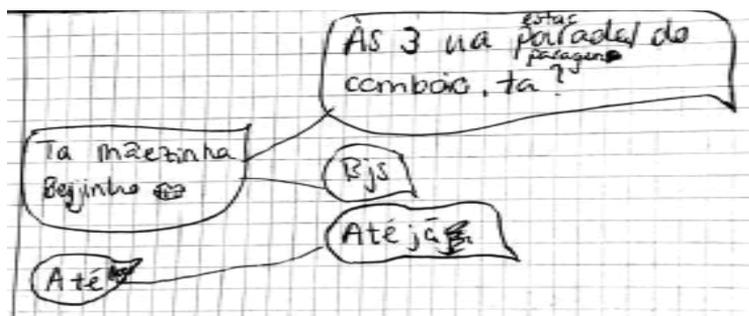


Figura 6: Excerto da resolução de exercício de produção dum *chat* por um aluno – interação entre mãe e filha para combinarem uma boleia.

Transcrição: [- Às 3 na parada/paragem do comboio, ta?
- Ta mãezinha Beijinho [emoji de beijo]
- Bjs Até já
- Até logo]

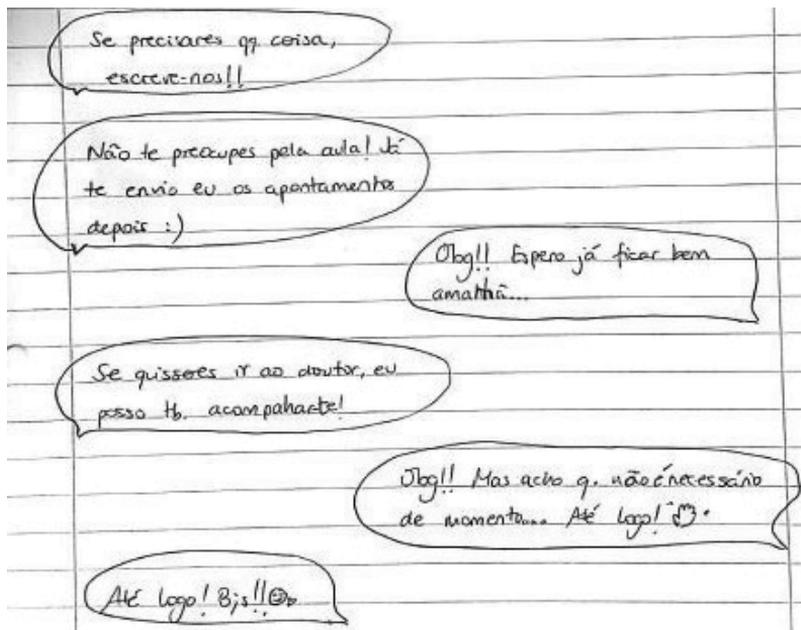


Figura 7: Excerto da resolução de exercício de produção de um chat por um aluno – interação entre dois amigos, em que um deles faltou a uma aula por estar doente e pede os apontamentos ao outro.

Transcrição: [- Se precisares qq coisa, escreve-nos!!
Não te preocupes pela aula! Já te envio eu os apontamentos depois :)
- Obrig!! Espero já ficar bem amanhã...
- Se quiseses ir ao doutor, eu posso tb acompanhar-te!
- Obrig!! Mas acho q não é necessário de momento... Até logo! [emoji mão a acenar]
- Até logo! Bjs!! [emoji cara sorridente] [emoji coração]]

4 - Conclusão: vantagens e dificuldades

Como referido anteriormente, o uso destes materiais autênticos é entusiasmante para os alunos e dá-lhes o *input* necessário, rico e variado, para conhecerem como realmente se utiliza a língua nestas situações ou contextos em questão. Assim, podemos dizer que os exemplos e atividades sugeridos são potenciadores do desenvolvimento das capacidades comunicativo-pragmáticas dos alunos, que

aprendem a comunicar e a como fazê-lo adequadamente, sabendo usar a língua de maneira apropriada e em seu proveito, ou segundo os seus objetivos, e não apenas a produzi-la de uma maneira assética e artificial que seria rigorosamente correta, do ponto de vista da norma padrão escrita, mas afastada da realidade do seu uso. Acresce que, nos materiais autênticos, sendo estes resultado da produção por falantes nativos, frequentemente surgem temas socioculturais que se podem tratar na aula (Suárez 2013-2014: 2), o que facilita a abordagem desses temas, tornando-a mais simples porque surgindo naturalmente no contexto e desenvolvimento da aula.

Além de tudo o que fica dito, a partir destes materiais, pode iniciar-se o trabalho de qualquer outra componente da língua. Por exemplo, uma mensagem de um *chat* onde se usasse um verbo no presente do conjuntivo poderia servir de base para o professor destacar essa frase e essa forma verbal e daí partir para o trabalho de uma componente gramatical da aula (contextos de uso obrigatório do conjuntivo, por exemplo). Tendo em conta os materiais linguísticos, o mesmo percurso poderia ser realizado com vários temas de gramática ou outros, por exemplo de léxico, que se queiram tratar numa certa unidade didática. Nas mensagens, iremos também encontrar novo vocabulário, até mais vocabulário do que o que é previsto, por vezes, nos temas já definidos dos manuais ou programas didáticos. Até a leitura em voz alta das mensagens, como a que é geralmente feita na experiência de utilização de manuais, pode ser um momento de treino da pronúncia e da oralidade em geral. A encenação de conversas de *chat* por escrito é uma forma de praticar a produção escrita mas também de desenvolver a competência comunicativa. Estes materiais favorecem, sobretudo, o tratamento da comunicação mas podem ser explorados de diversas maneiras e, portanto, permitem trabalhar diferentes aspetos das competências envolvidas na aprendizagem da língua estrangeira. Para esta sugestão resultar, ressalta-se novamente, é importante a pré-seleção dos materiais pelo professor e a preparação adequada das atividades, e, posteriormente, a exploração cuidada e detalhada dos materiais no decorrer delas, sempre contextualizando os discursos e ajudando os alunos a entender aquilo que estão a analisar e a aprender.

Quanto a dificuldades, voltamos a referir o facto de que nem todos os professores poderão ter acesso a tais *chats online* dos quais possam retirar exemplos, ou, pelo menos, exemplos significativos para as suas aulas. Por este motivo, pode também ser útil que haja cooperação e troca de materiais entre os professores, se possível. É ainda importante saber selecionar interações que correspondam a uma realidade mais ou menos generalizada e normal, e explicar de que faixa etária são os interlocutores e que relação mantêm entre eles, o contexto e a situação da interação, pois nem todas as interações comunicativas decorrem da mesma maneira, nem são influenciadas pelos mesmos fatores. Mas, de modo idêntico a estes novos materiais, os materiais não autênticos também podem dar origem a generalizações excessivas, e de uma forma que é mais artificial e falsa. Assim, parece importante que o aluno entenda que aquilo que está a analisar é apenas um exemplo contextualizado, não uma série de regras universais e abstratas sobre como se rege a comunicação. Para isto, é também útil o uso de exemplos numa

quantidade adequada.

No geral, e partindo dos resultados da experiência realizada em Mainz, podemos concluir que os pontos positivos do uso de exemplos retirados de *online chats* para a aprendizagem da LE e para a sala de aula são numerosos, e que compensam bem, em resultados obtidos, as dificuldades que a recolha, a seleção ou o uso deles possam trazer.

Recebido em outubro 2019; aceite em abril de 2020.

REFERÊNCIAS

- Almeida, I. S. de. 2019. Competência Pragmática em PLE: Aquisição e desenvolvimento pelo uso de exemplos autênticos da língua e de atividades comunicativas em contexto não imersivo (Mainz, Alemanha). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, também disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/124604>.
- Azri, R. H.; Al-Rashdi, M. H. 2014. The effect of using authentic materials in teaching. *International Journal of Scientific & Technology Research* Vol. 3. 10: 249-254.
- Berwald, J. P. 1986. *Au courant: Teaching French Vocabulary and Culture Using the Mass Media Language in Education: Theory and Practice*. 65. Washington, D.C.: Centre for Applied Linguistics.
- Briz Gómez, A. 2015. El análisis del discurso oral y su enseñanza. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo. Vol. 17. 1: 17-56.
- Carvalho, A. S. de. 1993. Materiais autênticos no ensino das línguas estrangeiras. *Revista Portuguesa de Educação*. 6 (2): 177-124. Universidade do Minho.
- Conselho da Europa. 2018. *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment*. Companion Volume with new descriptors.
- Kasper, G; Rose, K. R. (ed.). 2001. *Pragmatics in Language Teaching*. Cambridge University Press.
- Lima, J. P. de. 2006. *Pragmática Linguística*. Col. O essencial sobre língua portuguesa. Ed. Caminho.
- Littlewood, W. 1981. *Communicative Language Teaching – An Introduction*. Cambridge University Press.
- Miyaki, N. A. M. 2003. A mídia como instrumento de ensino do português – língua estrangeira (PLE): uma janela para uma comunicação intercultural. In: Gärtner, Eberhard (Ed.). *Contribuições para a Didáctica do Português Língua Estrangeira*. Frankfurt: TFM.
- Pons Bordería, S. 2005. La enseñanza de la pragmática en la clase de E/LE. Universidad de Valencia. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/271132175_

- La_enseñanza_de_la_Pragmatica_en_la_clase_de_ELE, acedido em 30/12/2019.
- Suárez, M. 2013-2014. Actividades en entornos online: exposición a muestras reales de lengua. Actas de las VI y VII Jornadas Didácticas del Instituto Cervantes de Manchester. Disponível em https://cvc.cervantes.es/enseñanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/manchester_2013-2014.htm, acedido em 29/12/2019.
- Taguchi, N. 2011. Teaching Pragmatics: Trends and Issues. *Annual Review of Applied Linguistics*. 31: 289-310.